

## Colecciones

como especie *En peligro* por la Unión Internacional para la Conservación de la Naturaleza (UICN). Entre sus principales características destacar sus hojas basales enteras y carnosas y, sobre todo, el hecho de que se propague solo de manera vegetativa, ya que la reproducción sexual no es posible por tratarse de un triploide natural.

- *Centaurea clementei* Boiss. ex DC.— Especie que crece exclusivamente en algunos paredones calizos de las sierras del sur de España y el noroeste de África. Llamen la atención de ella los gruesos capítulos y sus hojas basales grandes y lanuginosas.

- *Centaurea prolongoi* Boiss. ex DC.— Un raro endemismo de las sierras de la provincia de Málaga y del oeste de la provincia de Granada. Forma unos capítulos grandes y muy llamativos por el color anaranjado de sus flores. Está catalogada como *Vulnerable* por la UICN.

- *Centaurea mariana* Nyman.— Es una especie acaule que destaca sobre todo por sus hojas lanuginosas y sus pequeños aunque vistosos capítulos con flores amarillas. Habita exclusivamente en las grietas de los roquedos de la Sierra de María y otras cercanas, al norte de la provincia de Almería y al oeste de Murcia. Está catalogada como *Vulnerable* por la UICN.

- *Centaurea borjae* Valdés-Bernejó & Rivas Goday.— Es otra especie acaule, con flores rosado-violáceas y apéndices rematados en una fuerte espina. Solo habita en grietas rocosas de los acantilados del NO de Galicia (La Coruña). Está catalogada como *En peligro* por la UICN.

En las parcelas donde crecen las diferentes especies no es raro encontrar individuos de carácter híbrido, originados al cruzarse algunas de las especies que allí crecen, aun cuando pertenecen a grupos muy dispares y que incluso no cohabitan de forma natural en sus lugares de origen. De hecho, la hibridación en el género es común y uno de los principales mecanismos de especiación.

Finalmente, señalar que el género *Centaurea* es objeto de estudio por el grupo de investigación de la Universidad de Córdoba que dirige el profesor Juan Antonio Devesa, actual Director Científico-Técnico del Jardín Botánico de Córdoba, en el marco del proyecto *Flora Ibérica* ([www.floraiberica.org](http://www.floraiberica.org)). Fruto de este trabajo y del desarrollo de otros proyectos como *Phoenix-2014* (véase volumen nº4, de Julio de 2010, de esta misma revista), en el que el mismo grupo de investigadores ha abordado el estudio de diversas especies de *Centaurea*, es la *Colección de Centaurea* que puede visitarse en el Jardín Botánico de Córdoba.

# As colecções do Parque Botânico da Tapada da Ajuda

Ana Luísa Soares<sup>1,5</sup>, Carlos Lopes<sup>2</sup>, Cristina Oliveira<sup>3</sup>, Mariana Mota<sup>3</sup>, Paula Soares<sup>4</sup> & M<sup>a</sup> Dalila Espírito Santo<sup>2,5</sup>

Instituto Superior de Agronomia/ 1, Centro de Ecologia Aplicada "Professor Baeta Neves"/ 2, Centro de Botânica Aplicada à Agricultura/ 3, Centro de Engenharia dos Biosistemas/ 4, Centro de Estudos Florestais/ 5, Gestão e Coordenação dos Espaços da Tapada



Colecção de cultivares de pereira da Professora Maria Teresa B. Agra Coelho

A Tapada da Ajuda teve origem na Tapada Real de Alcântara que desde o séc. XVII era usada como parque de caça privado da família real. Assim se manteve até ao reinado de D. José, a partir do qual se passou a chamar Tapada da Ajuda, altura em que sofreu uma reforma, onde se modernizou em muitos aspectos. Com a expansão urbana e industrial da cidade, no reinado de D. Luís I, inicia-se também um novo período na história da



Alameda de zambujeiros centenários



O Jardim da Mata de Baixo rico em espécies de palmeiras como *Brahea armata* e *Livistona chinensis*.

Tapada, marcado pela valorização pública da propriedade e, conseqüentemente, a adaptação a novas formas de gestão e uso. Esta referência e outras de natureza histórica estão muito bem descritas em <http://www.isa.utl.pt/tapada/>.

Em 1910, com a implantação da República, este espaço passa a servir para o ensino da agricultura e silvicultura do Instituto Superior de Agronomia. O Parque Botânico da Tapada da Ajuda, assim designado desde meados do séc. passado, é único como espaço verde da cidade, sendo inquestionável o seu valor histórico, florestal e ambiental, o que inclusivamente conduziu ao seu reconhecimento como imóvel de interesse público, encontrando-se sob um regime de protecção.

Para além da sua vocação de ensino e investigação, os 100 hectares da Tapada representam um elevado valor paisagístico devido, em grande parte, à enorme variedade da ocupação do solo: para além de uma reserva botânica há floresta, jardins, hortas, pomares, olivais, vinhas e culturas arvenses.

Na Tapada da Ajuda existem algumas colecções de fruteiras, sendo de destacar pela sua diversidade, as colecções de cultivares de pereira. Estas colecções resultaram de um trabalho muito intenso de prospecção e colheita de material por todo o país realizado pela Professora Maria Teresa Barros Agra Coelho, que dedicou grande parte da sua actividade ao estabelecimento de culturas in vitro de cultivares autóctones de pereira e à sua propagação. Deste trabalho resultou uma colecção de pereiras obtidas de meristemas que inclui as cultivares Dona Joaquina, Carapineira, Pêra Bonita, Pêra de Montargil, Pêra Pérola e Pêra Amêndoa. Do material que foi recolhido, mas não chegou a ser estabelecido in vitro

e/ou enraizado, resultou uma colecção de plantas estabelecidas directamente por enxertia que engloba génotipos como a Pêra Marquesa, Pêra Parda, Pêra Amarela, Cabaça Grande, Pêra Passa de Viseu, Carvalhal, Pêra de Pé Curto e Pêra de Cristo. Esta colecção complementa as plantas mãe que deram origem às plantas na cultura de tecidos e outros génotipos que tinham sido entretanto instalados, como é o caso da Rocha ou da Delbard Première.

Um trabalho semelhante de prospecção, mas menos aprofundado, foi realizado para cultivares de macieira, havendo uma colecção de plantas instaladas por enxertia que inclui os génotipos autóctones Casa Nova, Espelho, Malápio Vale de Açor, Piparote, Lapa Boavista, Bravo de Esmolfe, Costa, Pero Sousa, Pipo de Basto, Camoesa e Tromba de Boi. Paralelamente, existem ainda algumas árvores de cultivares internacionais, como a Royal Gala, Golden Delicious, Jonagold e de cultivares melhoradas para resistência ao pedrado, como a Freedom e Florina, mais directamente ligadas aos trabalhos de investigação em curso.

São ainda de referir as colecções de frutos secos: amendoeiras, englobando os génotipos Ferralise, Lauranne, Masbovera, Ferrastar, Glorieta, Ferraduel e Francoli, nogueiras, cultivares Franquette, Fernette, Chandler, Fernor, Lara, Pedro, Serr, Samil, Trinta, Rego e Arco

Temos ainda uma pequena colecção de citrinos, com as laranjeiras Newhall, Baía, Navelate, Fortuna e Valencia Late, as tangerineiras Ortineque, Hernandina, Marisol e Cemetina Nova e o limoeiro Lisboa, e de figueiras, incluindo os génotipos Tapada, Baforeira, Pingo de Mel, Regional Branco e Regional Preto.

A vinha da meia encosta, muito conhecida dos lis-

boetas por ser única em Lisboa e já ter evitado a construção de uma via rápida que a atravessaria, ocupa uma área de 2,5 ha. Inclui uma vinha das castas brancas Macabeu, Moscatel Galego, Moscatel, Setúbal, Alvarinho, Viosinho, Encruzado e Arinto, tendo sido plantada em 2006.

Uma última palavra para as oliveiras. Na Tapada da Ajuda existe uma alameda bordeada por oliveiras centenárias da cultivar Galega, que envolve um olival onde se encontram as cultivares Negrinha, Maçanilha, Cordovil, Azeiteira, Blanqueta e Picual. Ao lado está a Reserva Botânica D. António Xavier Pereira Coutinho-[www.isa.utl.pt/files/pub/oisa/folhetoReserva\\_Botanica.pdf](http://www.isa.utl.pt/files/pub/oisa/folhetoReserva_Botanica.pdf) onde dominam os zambujeiros.

Entre as espécies florestais, introduzidas como colecção, salientamos o arboreto de eucaliptos estabelecido em 2005 após a Associação da Indústria Papeleira (CELPA) convidar o Instituto Superior de Agronomia a desenvolver um projecto de plantação de um arboreto de eucaliptos para produção de folhas para alimentação dos coalas do Jardim Zoológico de Lisboa. O arboreto foi plantado em Fevereiro de 2007. Na plantação as espécies foram seleccionadas por serem as mais adequadas para a alimentação dos coalas e por poderem constituir, no seu conjunto, um “arboreto de sentidos”. Ou seja, pretendeu-se juntar, por manchas, conjuntos de espécies com características particulares quanto à textura do tronco (sentido – tacto) e aos aspectos visual (sentido – visão) e olfactivo (sentido – olfacto). No arboreto existem exemplares das seguintes espécies: *E. botryoides*, *E. camaldulensis*, *E. cinerea*, *E. citriodora*, *E. crebra*, *E. cypellocarpa*, *E. globulus*, *E. goniocalyx*, *E. grandis*, *E. macarthuri*, *E. maculata*, *E. melliodora*, *E. nicholii*, *E. nitens*, *E. occidentalis*, *E. ovata*, *E. pauciflora*, *E. perriniana*, *E. pilularis*, *E. polyanthemos*, *E. propinqua*, *E. pulverulenta*, *E. regnans*, *E. resinifera*, *E. robusta*, *E. rudis*, *E. saligna*, *E. sideroxylon*, *E. tereticornis* e *E. viminialis*. Está prevista, para breve, a identificação individual das árvores bem como a elaboração de um panfleto com uma breve caracterização das espécies. O arboreto de eucaliptos, para além de fornecer alimento aos coalas do Jardim Zoológico, tem um elevado potencial para base de projectos de educação ambiental e lazer.

Como se lê no artigo 3º do decreto-lei de 12 de Dezembro de 2010: “A Tapada estará aberta ao público permanentemente, servindo para passeio, para instrução dos agricultores ou de quaisquer outros visitantes, bem como para a lição de coisas, às crianças e alunos de todas as escolas”. Assim continua a ser.

# A extensão da coleção do Jardim Botânico do Museu Nacional de História Natural da Universidade de Lisboa: o Jardim de Famões

Joana Magos Brehm<sup>1</sup> e Maria Amélia Martins-Loução<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade de Lisboa, Museu Nacional de História Natural, Jardim Botânico, <sup>2</sup>Universidade de Lisboa, Faculdade de Ciências, Centro de Biologia Ambiental  
[jbrehm@museus.ul.pt](mailto:jbrehm@museus.ul.pt)

O Jardim Botânico do Museu Nacional de História Natural da Universidade de Lisboa (JB-UL), projetado e plantado no séc. XIX, tem contribuído para a valorização, compreensão e gestão do património natural com a sua coleção viva, investigação, exposições e atividades pedagógicas. Tem cerca de 4 ha e situa-se no centro da cidade de Lisboa. A coleção botânica integra mais de 1300 espécies, na sua grande maioria espécies exóticas, particularmente originárias da Nova Zelândia, Austrália, China, Japão e América do Sul, das quais se destacam as coleções de palmeiras e de cicadáceas. Recentemente classificado como monumento nacional, o JB-UL possui um espólio de elevado valor patrimonial e científico para além de representar um reduto ambiental e lúdico ímpar para a cidade.

Dado estar integrado numa malha urbana apertada a sua expansão é completamente impossível e limitada. Desta forma, a criação de uma extensão do JB-UL foi a solução encontrada para ampliar a coleção botânica,